



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XXI — N.º 567 — Preço 140
1 DE DEZEMBRO DE 1965

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAGO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES — ORRÊIO PARA PAGO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

CALVÁRIO

Grupo de rapazes acompanha-me na visita aos Pobres. Vamos a pé. Se a paisagem desta região de entre o Douro e Minho fosse o espelho da vida dos Pobres, o viver deles aqui seria sem par. Mas não.

Estamos chegados à beira dum

pinhal. Casita modesta, toda feita de madeira, já escurcida pelo tempo e pela chuva, abriga a família que desejamos visitar nesta manhã de domingo. Dois compartimentos apenas. Cozinha e quarto. Na lareira lume mortuário aquece tacho negro cheio de água simples. O fumo esgueira-se pelas fendas bem abertas da construção. E quando o fumo findar, pelas mesmas fendas entrará regaladamente o frio deste inverno que se avizinha.

A senhora Laura, com o filho mais novo ao lado, tem ao regaço algumas batatas que prepara para deitar a cozer. A tuberculose mirrou-lhe as carnes. E a fome, que passa, não a deixa vencer a doença que tem. Dão-lhe muitos medicamentos, mas não o pão...

— Olhe: o meu homem caiu ontem numa pedreira e foi para o hospital. O dinheiro dos quatro dias que trabalhou, levou-o. Não temos tostão. Na loja já não nos fiam, que devemos lá muito. Não sei como vai ser a nossa vida.

As vizinhas deram-me estas batatas. Eu fui ao monte com os pequenos e trouxemos estes cogumelos mais esta cenoura, que encontramos no caminho. Para o jantar já temos. Eles é que é pior. Eu remedeio.

Hoje é assim. Amanhã as vizinhas voltam a dar do que têm. E os Pobres remedeiam-se. Juntámo-nos aos Pobres e damos também. E contamos tornar.

Todos estamos silenciosos em silêncio de veneração por esta heroína que aguarda a situação desesperante com o sorriso mais cândido.

«Há-de ser o que Deus quiser!»

No concelho não há uma assistente social. Na paróquia falta igualmente o confrade vicentino. Por estes sítios muitos fazem bem. Mas a assistência eficaz, aquela que vai resolver os problemas concretos de cada pobre, é praticada pelos mesmos Pobres. «As vizinhas deram-me estas batatas». Os ricos dão.

Continua na QUARTA página

Cantinho DOS RAPAZES

Considero rica e feliz a passada semana do S. Martinho. Rica de acontecimentos cheios de contradição, é certo, mas exprimem vida que tem de refazer-se para ser Vida. E feliz pela abundância de lições, por mór das quais tantas vezes Deus permite o mal para ensinar aos homens o bem.

Não falo da presença das desonestidades em que alguns de vós se envolveram. Esse será o nosso pão de muitos dias nesta Obra que é o amparo da criança abandonada, que prefere os mais repelentes, o mais difíceis, os mais viciosos.

Com tão misteriosa preferência, quem pode admirar-se dos muitos e vários sarilhos em que a nossa vida é pródiga?!
Mais do que a presença do mal é a ausência do bem, do bem que podemos — logo devemos fazer — e não fazemos. É um pensamento que muitas vezes me ocorre: — qual o significado do Cap. 21 do Evangelho de S. Mateus versículos 34 e seguintes, em que se descreve o Juízo Final? O Autor Sagrado não fala de outro título de condenação senão desse mesmo que resulta de muitas omissões: «Tive fome e não me deste de comer. Tive sede e não me deste de beber. Estava nu e não me vestiste. Estava doente e não me visitaste. Andava errante e não me abrigaste. Estava preso e não me consideraste». Usando um único verbo:

Continua na SEGUNDA página

MALANJE

A aquecê-la, tem o carinho de todos os habitantes de Malanje; a dar-lhe beleza, num realce de contrastes, o fundo de eucaliptos e gravíleas; a rodeá-la, o nosso trabalho, pincelado em nossas plantações, ainda modestas; e, no vale todo verde, o gado que nos destes — num palpitar de vida calma e sã. Também, na picada da fonte, Manuelzito puxa um carro com ervas para os porcos. Mesmo agora, os da escola regressam — hoje, não trazem bata branca, foi prá lavadeira. Lá no alto o tractor, comandado pelo Domingos, vira terra.

Beleza! E toda ela a começar a girar de volta da nossa Casa-Mãe.

«Porque fizeram uma casa tão bela? Podia ser mais modesta...»

É mãe. Não há mães feias e pequenas para os filhos. E estes não têm outra... E, além disso, a nossa casa forte e bela será corrente a prender-nos para sempre ao Planalto — viemos para ficar.

Ai! se eu fosse poderoso, iria por essa Angola varrendo palhotas... e, à beira dos rios, no sopé dos montes e planaltos dentro, construiria casas que desafiassem os séculos.

A casa é um elo de ligação, é um vínculo que prende o homem à planície

Continua na QUARTA página



Duas perspectivas e uma só realidade: A Casa Mãe de Malanje

Agua Lisboa

«M INHA querida Mãe, fassa por ter juízo...», eis os termos em que se dirigia à sua progenitora, solteira e com mais seis filhos, um dos nossos Rapazes. Estas palavras, na pena de uma criança de 12 anos, são uma acusação grave, a revelar já percepção das coisas e sentido das duras realidades, de que se sente já vítima quem as exterioriza. De resto, falando de uma maneira simplista, da falta de «juízo» é que resultam os grandes males do Mundo.

Aqui há tempos, um dos nossos, já de barba na cara, foi a casa da mãe. Curioso e desconfiando de algo, numa altura propícia, abriu uma gaveta e constatou em quaisquer papéis a verdadeira situação da autora de seus dias: estava a viver com um homem casado com outra mulher. Chocou-o o facto, aquela falta de «juízo», e dela nos deu conta, compartilhando assim o seu desgosto. Não há muito, também, outro dos nossos, na idade dos 16, verberava, da forma que nos impressionou, o pai, pela má conduta e pelo abandono a que o votara, dada a sua ausência de «juízo».

Quadros como os apontados, produto da escassez ou não existência do tal «juízo», são o comum nas nossas Casas. E aqueles a que podemos lançar mão são uma gota de água no oceano imenso da miséria dos homens. Pelas nossas portas passam legiões de «filhos de ninguém» que sentiram, sentem ou nunca deixarão de sentir as consequências de falta de «juízo» dos que os geraram, sem que lhes possamos acudir. Os intrincados problemas resultantes da solvência ou não existência da Família crescem dia a dia angustiosamente e, para mal dos nossos peccados, mostramo-nos indiferentes à corrente caudalosa que parece querer abarcar a humanidade inteira, submergindo tudo e todos, não opondo os diques indispensáveis para deter a dissolução da célula número um da Sociedade. Há muita gente, infelizmente em todas as camadas populacionais, que só pensa em satisfazer os instintos e para quem cumprir os deveres equivale ao simples acto de gerar, como se de cães ou gatos se tratasse... Com mentalidades destas os resultados estão à vista. Só com o regresso a Nazaré, como diria Pai Américo, poderá haver progresso social cristão. Sem Deus o homem frusta a sua própria humanidade, mas

o exemplo terá sempre de vir de cima. Aqueles que se julgam superiores devem demonstrar a sua apregoada superioridade com actos. É nesta altura, para utilizar a expressão do «juízo» acima referida, que haverá lugar para muito juízo. Com coisas sérias não se brinca.

QUEREMOS agradecer o amor, a constância e a discreção com que muitos Amigos se dirigem ao Montepio Geral a fazer os seus depósitos de dinheiro, roupas ou outros objectos. Respeitamos as suas intenções. Não esquecemos também os devotos Servidores daquela Instituição, sempre tão solícitos para tudo o que nos diga respeito. Manifestamos às Empresas de camionagem Bucelense, Claras e Ribatejana a nossa gratidão pelas passagens ou passes que fornecem aos nossos estudantes ou vendedores, bem assim aos Amigos que recebem em suas casas, sentando-os às suas mesas, os nossos Rapazes. O

Senhor não é surdo mas manda bater à Sua porta...

x x x

As obras são motivo de grande preocupação. Continuam, embora em ritmo longe do desejado. Todavia, como as coisas são, em certa medida, aquilo que se sonha e espera, não desfalecemos. Agora são os esgotos gerais da nova Aldeia a exigir dez mil escudos. Quando sair este número de «O Gaiato» já cá estarão, se Deus quiser, 425 metros de manilhas de cimento. E o dinheiro? Não perguntem como vai aparecer, puxem da carteira e resolvam o problema... As obras são da «Obra» de todos vós...

A propósito de trabalhos, queremos transmitir à Senhora que nos entregou no Lar mais trinta mil que o Céu continua disponível para aqueles que O procuram. As casas da Aldeia e as obras em curso são feitas com as pequenas ou as maiores migalhas que nos chegam.

x x x

A Senhora da rouparia diz-nos da falta de cobertas e cobertores para as camas. Alguém nos recorda do pedido já feito de sapatos ou botas, usados ou novos. O conforto, o calor ou aconchego recebidos pelos nossos Filhos podem-lhes ser comunicados por vós.

Padre Luiz

Diário dum Soldado

O trabalho com a mudança de quartel tem sido a única causa do meu silêncio. Dias tem havido em que o serviço dura até à meia-noite. Hoje, porém, quase demos conta do expediente, que já fazia monte, — e os meus colegas foram dar uma volta pela cidade. Eu preferi ficar. Tenho necessidade de conversar — e converso, escrevendo as páginas do meu diário. Não que o meu dia-a-dia vá amontoando derrotas... Deus tem-me roubado tanto daquele orgulho que criei dentro de mim! Agora posso dizer que me sinto rejuvenescido para a vida. Eu próprio me admiro com esta boa disposição de todos os dias.

E afinal eu continuo a fazer a mesma vida! Se me apetece vou dar uma volta lá fora... Simplesmente mudei muito a minha maneira de ser em certos pormenores.

Todos os dias às sete e meia temos tido o terço. Depois, ou saio, ou, se há que fazer na Secretaria, vou até lá trabalhar. Quando vou dormir, como a Capela fica em caminho, não sou capaz de passar sem dizer o meu boa-

-noite àquele «Prisioneiro» que ali está dia e noite a velar por todos nós.

E ontem?!... Eu estava a trabalhar. Era noite. Chega um soldado, deixa uma guia de marcha em cima da mesa e sai. Olhei a guia e disse para comigo:

— Mas então ele deixa aqui a guia e não diz nada?... Já sei o que devo fazer. E saí furioso, a procurá-lo, para que não voltasse a acontecer o mesmo.

Passo em frente da Capela e, não sei porquê, mas muito repentinamente, saíram-me estas palavras: Boa-noite, Senhor. E voltei ao meu lugar a tratar da guia.

Não há dúvida que Deus tem sido um perfeito «Sina-leiro» para comigo. Uma vez que eu aprendi as regras do Seu trânsito, vamos a ver se as transgredirei o menos possível.

Louvores a Ele por esta confiança, por esta confiança duradoura, embora não dê para adormecer!

O caninho por onde sigo demorou anos a remover. Que os temporais da vida mo não estraguem e eu não volte a caminhar em vão.

Cantinho DOS RAPAZES

Cont. da PRIMEIRA página

«Devias-me o teu amor e não me amaste».

Ora o Cerqueira foi chamado em tribunal por causa das suas ausências. Ele é chefe há vários anos. É um rapaz com razoáveis dotes naturais — que dê graças a Deus. É nosso desde pequenino. Foi servido ao longo de muitos anos e ainda o é. Mas agora é também a hora de ele servir.

Porém, não o tem feito com aquela isenção e generosidade que lhe compete. Por isso foi chamado em tribunal.

Propositadamente deixei o caso por concluir, para que ele o encerrasse. Chamei-o no dia seguinte. Disse-me que merecia um «duro» castigo. «Não sei para quê... — respondi — A mim não me interessa o castigo. Importa-me apenas que, reconhecendo não andares bem (por isso entendes merecer castigo), arrepies caminho e te disponhas a servir.

Se achas que deves sofrer um castigo, escolhe-o. Todavia, cumpri-lo-ás no teu lugar de chefe, no exercício da responsabilidade de que te não posso dispensar».

«Então quero ir-me embora» — retorquiu-me. E na mesma tarde se foi.

Uma afirmação ele nos deixou com sua atitude: Duro é o ofício de chefe, tomado e vivido seriamente. Mais duro, com certeza, do que um «duro» castigo, que ele entendia me-

recer e se dispunha a cumprir.

Atendam os chefes e não se amedrontem com a dureza do cargo; antes se estimulem à luta interior e se fortifiquem nela, para que sejam encontrados firmes e prevenidos quando as dificuldades se levantam. Esta dureza de ser chefe é um sinal de contradição, um critério de prova: os cobardes fugir-lhe-ão; os de carácter nobre gostarão de enobrecer-se ainda mais por meio dela.

E a comunidade veja nesta real dureza, demonstrada tão ao vivo pelo Cerqueira, um título mais para respeitar os seus chefes, para os amar, para os ajudar a cumprir a sua tarefa, que é justamente, o serviço da comunidade. E não se escandalizem se uma vez por outra, os chefes têm

uma pequenina regalia. Bem poucas elas são, para o que eles mereciam estando à altura da sua missão!

Ora a história tem um epílogo. Cerqueira foi-se naquela tarde. Manhã seguinte o telefone toca. Era ele. Ele que me disse simplesmente estas palavras, e só estas: «Estou perturbado. Peço o meu regresso».

Eu sabia que esta perturbação havia de acontecer, mas não a esperava tão cedo. Não se passa impunemente uma vida (praticamente a sua vida toda) numa Família e se cortam as raízes de uma hora, para outra! O Cerqueira perturbou-se ao reconhecer que acima dos laços de sangue é a convivência que gera e faz crescer o amor. Ao chegar a casa dos seus, ele não a reconheceu como sua. Então experimentou que é aqui o lugar onde, para já, pode encontrar o amor que nunca lhe faltou. E descobriu também, com certeza, que nos amava mais do que supunha.

Regressou. Foram apenas horas que passaram. Foi um abismo que separa o antes do depois.

Que o Cerqueira medite profundamente a sua «perturbação» daquela noite. E se disponha agora a cumprir, generosa, galhardamente, como é justo e salutar, o «duro» castigo que entendia merecer: Servir, amando os seus irmãos como seu chefe — em troca do amor que lhe tem sido dado.

Eng.º Duarte Pacheco

Um ano mais que passou — uma lembrança que se renovou na mesa do nosso Altar.

A sua acção fulgurante no sector que lhe coube administrar estará na causa do sério raquitismo que perturbou e perturba muitos outros sectores da vida pública... Que o impulso inicial que ele deu a Pai Américo tenha valor de redenção... E que os dois confraternizem no Céu.



Cartas de Roterdão

Primeiro chegou uma em italiano. Dias após, outra em espanhol. O mesmo signatário: um marítimo italiano, cosinheiro a bordo de um navio mercante britânico, domiciliado naquele porto holandês. Comunicava-nos que do Christiania Bank de Oslo ia ser transferido «para su Obra todo lo que tenia depositado en dicho Banco». E informava da soma, sem que todavia nós percebêssemos do numeral escrito onde acabava a parte inteira e começava a decimal.

«Con esta oferta de diñero entiendo cumplir con la voluntad de Nuestro Señor, por una especial gracia que de El o recibidos».

Passaram-se uns dias mais e o nosso Banco no Porto avisa-nos do depósito relativo à transferência de 51.150,00 coroas norueguesas, que deram um pouquinho mais que duzentos contos.

Que voltas o mundo dá! Um italiano, morando na Holanda, trabalhando num barco inglês, dirige-se-nos na sua língua, depois em espanhol, pensando, certamente, que o entenderíamos melhor (e acertou!) e manda para Portugal, para uma Obra que nunca viu, as suas economias guardadas na Noruega. Uma volta à Europa... e nós aqui muito quietinhos, sem nada fazermos por tamanho donativo, sem o merecermos de nós mesmos — nós, aqui, alvo da Caridade de Cristo, que não conhece fronteiras, nem línguas, nem raças, nem condições sociais, mas dá vida a quem nEle confia!

Ora como soube este homem da Obra da Rua? — «La direccion de vuestra Casa e los informes cerea la Obra tan grande e misericordiosa que ustedes acen, me fueron facilitados por el Señor F., siendo tripulante de um barco de nacionalidade inglesa en el qual yo desempeñava las funciones de 2.º cocinero».

F. é um marítimo português que em hora amarga da vida pediu auxílio ao Senhor e foi atendido; e agora Lhe está retribuindo na pessoa dos filhos de ninguém, que são Seus filhos predilectos. Deste se falava no último jornal, em «Do que nós necessitamos», a propósito da remessa de 200 libras. Com que veemência este bom marítimo do Porto, que u bem conhecido, não terá falado àquele seu colega italiano a bordo dum barco inglês para que este, sem ver, tenha acreditado na «Obra tan grande e misericordiosa que ustedes acen» e se tenha desprendido de tamanha soma, entendendo «cumplir con la voluntad de Nuestro Señor».

Como se avoluma a nossa pequenez diante de tal grandeza! Dois marítimos, homens de condição humilde e de vida dura, habitualmente duros

eles mesmos, rendidos diante das Graças de Deus, a irradiar Graça em volta de si em lição magnífica de fraternidade!

Quem duvida ainda, da autenticidade de Pai Américo ao rejeitar heranças, ao canonizar a «esmola da viúva», ao firmar a sua Obra sobre os alicerces da Pobreza?! Tanta corrida ao dinheiro, até de homens que têm sobre si grande responsabilidade doutrinal! — e afinal para quê?!

Aqui tão quietinhos... e da distante e fria Noruega um coração latino unido ao Coração de Jesus («entiendo cumplir con la voluntad de Nuestro Señor») envia-nos uma tal dedicatória, que de nós mesmos, bem certos estamos de a não merecer!

A coroar tanta beleza uma prevenção delicada de uma alma simples: «Publicate se volete la mia lettera, pero il mio nome deve restare anónimo».

Sim, o seu nome seria sempre a anónima identificação de um italiano, 2.º cozinheiro, a bordo de um barco inglês, com domicílio na Holanda e um coração universal; não teria fácil ressonância no mundo dos homens. Mas nós não profanamos e guardaremos silêncio, para que seja mais intenso e mais harmonioso o eco do seu nome no Céu.

O direito de não ser miserável

Decerto ninguém o negará. Pelo contrário, feliz a sociedade cujos membros reagem à miséria, procurando transformá-la em pobreza digna, em nível muito primário embora, mas ainda humano. Como infeliz o é na medida em que alguns dos cidadãos se acomodam à infra-humanidade que é a sua condição e por aí se ficam, dormentes, vegetando, realmente demitidos da sua qualidade de homens. Creio que não haverá duas opiniões.

Porém, os factos não argumentam da mesma sorte. E como são eles o mais eficaz e universal de todos os argumentos, contra os quais não há outros — segue-se que afinal sempre se dá a negação do direito aos membros que, tendo salutarmente reagido, bem podem vir a ter razões de lamentar a sua reacção.

A história não é nova. Não o é sequer, nas colunas de «O Gaiato». Eu conto.

Era uma vez um homem, alei-

O inverno é o papão dos Pobres. Eles sentem-no à distância e, como geralmente não amealham como as formigas (mesmo que o quisessem fazer não tinham lugar para celeiro), sofrem todo o seu rigor.

A tarde foi toda de chuva, como os dias o têm sido já há tempos. O correio havia-me trazido recado de uma filha aflita com a operação que a mãe faria no dia seguinte e enviou do seu pão para os Pobres.

Fui reparti-lo. Primeiro foi a habitação do Manuel de Mirandela. Era rentinho à noite. O carreirito estava cheio de lama. O Manuel não estava. Quando pode, trabalha como guarda numa fábrica de fiação na cidade. Agora o seu turno é de noite. Tem passado mal e esteve muitas semanas em casa sem trabalhar. A bronquite não o deixa. A mulher havia chegado da azeitona e estava a despir a bata toda molhada. À volta estavam os quatro filhinhos. Jurou-me pela felicidade dos filhos que só tinha doze tostões no portamonedas e a mercearia já não lhe fiava, pois deve lá duzentos e tal escudos.

Mais uma grande volta e a Opel levou-me ao bairro camarário da Relvinha. As ruas eram de lama e o chão cimentado das casas todas de madeira escorria água. Escuridão e desconforto. Cá fora dezenas de crianças fizeram-me cortejo.

Dirigi-me a casa da Sara. O homem faleceu há meses e são oito filhos, seis deles pequenos. Os dois mais velhos andam na tropa e o Gustavo, no dia da incorporação, veio



recomendar-me a Mãe. Quem havia de dizer que naquele corpo estava uma alma tão terna!

A casa da Sara estava vazia. Os filhos andavam cá fora. Quis vê-la, mas não vi nada. Não havia petróleo, nem chaminé no candeeiro e estava tudo desarrumado. A Sara andava fora à azeitona e chegou já tarde. Mostrou-me dez escudos que trazia apertados na mão, resultado do seu dia, único pão para toda a família que a esperava.

Enquanto esperava pela Sara entrei ao lado a visitar uma doente. Foi a filha que, em pequenita, eu trouxe às cavaleiras nas Colónias de Férias da Senhora da Piedade, que me veio chamar. Eu já não a conhecia. Aquela mãe passa todos os invernos na cama. É o coração que não quer humidade nem frio. O médico receita mudança de casa e remédios da farmácia, mas o ganho do marido e dos filhos não chega para tudo. Mesmo a renda da bar-

raca anda atrasada e a mesinha de cabeceira estava coberta de frascos e receitas médicas.

Na estrada nacional que passa à beira, os carros eram em bicha em ambos os sentidos. Com certeza que ninguém descobre que Cristo está ali crucificado em todos os irmãos — e passam muitos que se dizem amigos dEle, que têm fortunas ali perto.

A cidade fechava o seu dia, toda iluminada, e eu regressava a casa com a alma cheia da escuridão de todos os que não sentem a vida do seu semelhante.

Tem razão quem há dias me escrevia de Lisboa — «De bem intencionados está o inferno cheio, e eu para lá caminhava já. Aqui vai para o Manuel doente e seus Manelinhos ou conforme melhor achar».

Padre Horácio

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

roicamente para guardar a riqueza maior de que é proprietário: os seus filhos?!... É proprietário — e a lei é só uma. O nosso homem ficou livre da vida militar. Diz ele que lhe deram um papel que o declarava também isento da taxa. Ele tem agora 38 anos. Já lá vai metade da sua vida e o papel levou caminho. O certo é que nunca pagou a taxa militar. E agora, como é proprietário (que paga honestamente a sua contribuição predial, como teria pago a taxa ano a ano, se se julgasse obrigado a tal...), e agora tem de liquidar a taxa como todas as alcavalas e juros, sob pena de penhora da casa, da sua casa — e nisso é ele mais proprietário dela do que muitos proprietários de quarteirões inteiros: É que a sua casa custou-lhe o seu sangue; e quantos proprietários de quarteirões inteiros as terão comprado com o sangue dos outros...

Dura lei é a lei dos homens. Se estes, ao menos, tivessem consciência da sua limitação e procurassem as suas leis na LEI...





MIRANDA DO CORVO

● CAPELA — A nossa Capela anda desde algumas semanas atrás, em obras. É isto porque lhe queremos fazer umas modificações de acordo com as novas regras litúrgicas.

Não julguem agora os nossos leitores que andamos a deitar a Capela abaixo! As ditas modificações consistem no seguinte:

O Altar, que até aqui era no topo da Capela, passa agora a estar mais ao centro, para assim haver uma maior aproximação entre Cristo e o seu povo que somos nós.

Uma grade, que até aqui estava no fundo dos degraus do Altar, foi tam-

biém de lá tirada; e, para rematar, vamos também pôr uns azulejos, a toda a volta, na parte mais baixa das paredes, as quais juntamente com o tecto levarão uma nova pintura.

● OFICINAS — As oficinas cá da nossa Casa são a sapataria, serralharia e carpintaria. Portanto, se houver algumas encomendas é falarem, pois podem ficar certos de que não ficarão mal servidos.

O que nós queremos é trabalho apesar de estarmos numa altura em que não chegamos para as encomendas. Mas a malta não se enrasca.

O Fernando e o Pascoal, na sapataria, andam com a cabeça à roda para aranjarem calçado para os que precisam (e não são poucos!) pois vem aí o inverno que cá por estes lados não é nada meigo.

Na carpintaria, Ti Jesus, o mestre, mais os seus pupilos, lá vão servindo os fregueses, que a toda a hora chegam.

Na serralharia, Zé Claro, João, Alberto, Santarém, e Eu, não temos mãos a medir com o que para cá vem ter: ele são grades, portões uns atrás dos outros, mais volta menos volta é uma fração de rodas para carros de boi. E isto sem contar com as ferramentas agrícolas que principalmente à 4.ª feira (dia de mercado) não se fazem esperar.

● VEM AÍ O NATAL — Alguns cá em Casa já andam a sonhar com o Natal. Realmente já não vem tão longe como parece. E tanto assim que nós de vez em quando damos uma ensaiadela a alguns cânticos e ainda às partes da Missa que costumam ser cantadas. Agora como é em português parece que é mais fácil de perceber e aprender.

Contamos cantá-los já no dia 8, dia de encerramento do Concílio Ecu-mênico e nesse mesmo dia quatro dos nossos rapazes farão a sua primeira comunhão solene, que para eles e também para todos nós vai ser motivo de grande alegria.

Já agora, a propósito de Natal. Andam por aí uns boatos que dizem que no dia 25 vai haver uma festazita que consta duma peça de teatro e de variedades. Eu não sei se é verdade nem senão. (Malundrice!) Porém só queria chamar a atenção de que, se realmente há, deve haver uma colaboração da parte de todos, e principalmente dos mais velhos e dos mais espertinhos.

Quanto aos nossos leitores, se houver por aí vestes, fardamentos que sirvam para os rapazes do palco, e ainda peças de teatro, um ou outro instrumento esquecido é favor não se esquecerem de nós porque tudo aceitamos e tudo agradecemos.

António Ferreira da Silva

LAR DE COIMBRA

● O nosso Lar tem andado longe destas colunas. Não por falta de motivos, mas por carência de tempo para pôr os nossos amigos a par da nossa vida.

Ela reveste e tem características especiais. É a verdade desta afirmação é que todos vós exigis de nós algo de diferente de qualquer rapaz tal como nós. Porquê esta exigência? Porquê a rapazes que ontem foram

o teu estorvo — tanto exigis hoje, deles?

A resposta dá-lo a consciência daqueles que vivem e nos querem com eles. Fomos diferentes, pois o desprezo do mundo no-lo fez ser. Somos diferentes porque nos foi dado o Caminho, encarada a Verdade em conquista do futuro.

Todos os que conosco vivem exigem-nos obediência exemplar para defesa daqueles que por vezes só vêem o mundo na sua carne. Estes aparentemente satisfeitos choram por não ser como «vós», quando se lhes fala sincera e claramente. Estes acreditam-nos em face da nossa vida, queremos-nos como amigos. Merecendo a nossa amizade são outros como nós, ultrapassando-nos por vezes em virtudes, quando essa amizade reveste carácter formativo. Infelizmente que a nossa sociedade sente muito a falta desta afirmação. Amizade ocasional e fraudulenta é a escolha de grande parte da malta.

Ultimamente tem-se sentido muito este choque, pois que ligado a essa advém tristes sintomas.

É tudo isto porque a sua escolha ainda não foi feita. Viveres duvidosos. É por isso que se vê gente sem brio de corpo e de alma. E nós perguntamos: Porquê tudo isto?

Parte da nossa juventude vive revoltada por falta de conhecimentos que lhes permitam segurança, e quando lhes é dada permissão de atacar, fazem-no com grande autoridade. Só mais tarde... quando se lhes faculta conscienciosamente a Verdade, a reconhecem.

Foi o que nos ajudaram a reconhecer. Não por vivermos com padres (como muito boa gente pensa) pois que estes embora lutando por esse ideal, por vezes não é o suficiente. Mas porque a nossa vida de irmãos nos permite uma valorização sã da amizade e verdade. Na vossa doação de mão verão eles caridade.

É por este caminho vale a pena caminhar.

JOAQUIM SOUSA



Auto- Construção

A propriedade particular é de natureza a favorecer o desenvolvimento da personalidade. Que seria o homem no momento em que não pudesse possuir coisa alguma? Duma maneira ou doutra os homens, através da história, têm sido sempre possuidores de coisas. Na medida em que essas coisas são necessárias à pessoa, nessa mesma medida se torna conveniente o exercício da propriedade particular. Nesta ordem de ideias, a casa, a vivenda aparece em primeiro plano. Convém que a família possua uma casa própria. Ainda há bem poucos anos atrás, isto era um pensamento comum. Hoje também o é. Na prática, no entanto, as coisas passam-se, no nosso tempo, de uma maneira muito diferente do que há cem ou mesmo cinquenta anos. Ontem todos, ou quase todos aqueles que pensavam constituir uma família, pensavam, ao mesmo tempo, viver numa casa própria. Se os pais a não possuíam, os filhos apressavam-se a construí-la ou antes ou imediatamente após o casamento. Hoje, um bom número de casos, não é assim. Quantos e quantos não dispensam o seu rádio, não podem viver sem o seu aparelho de televisão, precisam de mobílias suas no valor de dezenas de con-

tos, já não poderão viver sem o seu automóvel, mas resignam-se admiravelmente a viver sem a sua casa. Será até mais prático para uns tantos, sempre com o desejo de mudar, de conhecer novos mundos, de experimentar novas modalidades de vida. Certamente não poderemos contrariar, em absoluto, esta ânsia que caracteriza um bom número dos nossos jovens; mas faremos o possível por convencê-los de que quaisquer que sejam as circunstâncias da vida, uma casa numa terra e sobretudo na terra onde nasceram, é sempre um caminho, é sempre uma solução, é sempre um dado positivo na vida. Auto-Construção, além do aspecto prático, concreto, tem ainda o propósito de mentalizar o maior número dos nossos jovens para que tenham a legítima ambição de possuírem uma casa sua. Ter uma casa não é um luxo. É, sim, uma necessidade. Possuir uma casa não pode ser um privilégio de uns poucos. Seja antes a sepultura da vida — para usarmos a frase popular — de todas as famílias.

Toda a correspondência para Auto-Construção — Aguiar da Beira.

PADRE FONSECA

MALANJE

fértil, à montanha abundante, às margens ricas.

Palhotas de capim! Hoje, aqui; amanhã, além!

Capim podre!
Ratos!

A casa prende o homem à Pátria e aviva-lhe o sentido dela. Falo de casa — metendo dentro condições de vida. Uma sem a outra, é aborto.

P.e Fatela e os seus filhos artistas estiveram conosco. Como por essa Angola fora, espalharam aqui beleza e lição viva.

Deram-nos o fruto material do espectáculo, que, por vir de irmãos tão bons, nos consolou.

Fomos a Salazar e ao Golungo Alto. Os cristãos que nos ouviram, ficaram a querer-nos mais. Gratos pela vossa ajuda. Aí estaremos todas

Cont. da PRIMEIRA página

as quinzenas, pelo «Gaiato», na nossa comunhão de amor.

De Luanda: veio a Sr.a Alda E. Barreira, pedindo a Deus que abençoe a nossa Obra. Continue a pedir-Lhe. Ele é o Senhor que pode; também dois cursistas, um com cem, outro com 50 e lágrimas ao descobrir o «Capitalista» no altar pobrezinho; e veio aquele senhor da Casa Americana com mais cem para dois sacos de cimento; a Mabor com dois pneus; a fábrica Macabira, mais sapatilhas e aquela amiga da Igreja de N.ª S.ª de Nazaret com 150+150. De Ambrizete: «uma migalhinha e saúde para a família do gaiato». De Mafra, senhora amiga com cem; de Salazar: uma promessa ao Pai Américo, 500 e M. R. Lucas, 100.

De Malanje: os armazéns do Planalto, uma caixa de leite

— já dois meses que não tínhamos. Senhora amiga entregou no Lar 500; Guedes & Ir. não mais dois grandes toros de quibaba — que o Senhor lhes pague; carpintaria (Manuel Moutinho) 2185\$00 em obra; companhia 459 de Marimba uma geleira, muita louça e dois petromax; Senhor médico do batalhão, 90; outra senhora, 50; um vicentino, 300; casal Neves, 100; um amigo que costuma vir muitas vezes com 100 e tambores; A. Costa, 700+1000 com pedido duma missa a S. Judas Tadeu — já está; H. Castro, 100; A. J. Vieira Dias, 400; uma senhora, mui discretamente, 500, e outra, 100; mais «aceite esta oferta com pedido duma oração por alma de meu pai» — pois, sim; do Cota veio casal amigo com roupa e uma eitoa.

Que o Senhor dê a todos muita alegria e paz.

P.e Telmo



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE